

MAR AZUL, DE PALOMA VIDAL: ENTRELAÇAMENTOS I(NI)MAGINÁVVEIS

TANIRA RODRIGUES SOARES¹; ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – tanira_soares@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – aline.coelho@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A trajetória existencial da escritora, também tradutora e escritora, Paloma Vidal se inicia em terras argentinas, mais precisamente em Buenos Aires, no ano de 1975, vindo, aos dois anos, morar no Rio de Janeiro com os encantos da infância e inquietações da juventude. Ressalte-se que não optou pela nacionalidade brasileira, fazendo dessa oportunidade de vivenciar duas línguas e duas culturas a base de seu trabalho acadêmico e de criação ficcional.

Seu primeiro trabalho ficcional foi o livro de contos *A duas mãos* (2003) e, após essa publicação outras sucederam e marcaram sua maneira de produzir uma escrita com temas como exílio, imigração e viagens, assuntos que lhe são tão próximos; além de trabalhar com memória e trauma, bem como de abordar as escritas do eu e as indefinições de gênero, presenças marcantes em sua produção intelectual.

Mar azul (2012) é seu segundo romance e traz em sua temática inquietações de uma senhora, cujo propósito reside na descoberta de si, apesar de todas as dores e surpresas dela decorrentes, empregando a memória para revisitar o passado e as relações familiares com um pai ausente; temática intimamente relacionada com sua trajetória pessoal, fazendo dos constantes deslocamentos existenciais o eixo de aventuras e desventuras dos personagens reproduzidos em seu universo ficcional. Busca na memória o mote para tornar presente um passado inconstante em face da dualidade geográfica e idiomática verificada no binômio Brasil-Argentina; posiciona-se como mulher à procura de reunir fragmentos memoriais como forma de montar o quadro identitário de sua origem, pois se vê como “estrangeira” no país que a acolheu, assim como em sua terra natal.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado foi o da pesquisa bibliográfica, estruturado no decorrer da elaboração da pesquisa e, posteriormente, na produção do artigo acadêmico. Primeiramente, definiu-se o recorte a ser estabelecido na literatura brasileira contemporânea, bem como a identificação do romance escolhido para estudo. Logo a seguir, realizou-se uma leitura detalhada da obra selecionada e, conseqüentemente, o estabelecimento de um entrelaçamento entre as temáticas identificadas com os estudos da memória familiar. Dessa forma, o presente resumo expandido está fundamentado em teóricos que permitem um entrelaçamento dos estudos que envolvem aspectos da memória familiar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há em *Mar azul* um estilo peculiar de produção textual, iniciado por um diálogo entre a protagonista e sua melhor amiga (Vicky), na adolescência, caracterizando-se como uma forma de escrita presente no que se entende como uma espécie de prólogo e no que seria um epílogo do livro. Diálogo mediado por uma narrativa em

primeira pessoa em que a protagonista registra suas memórias a partir da leitura dos cadernos herdados do pai, juntamente com a reprodução de atividades rotineiras do presente, caracterizando uma estrutura circular do romance, uma vez que o diálogo presente ao final remete ao início do livro. O romance apresenta dois planos temporais e espaciais, o passado está relacionado a diálogos e acontecimentos na Argentina, já o presente está situado no Brasil; esses tempos podem ser percebidos no momento da leitura e da escrita dos cadernos, obedecendo ao fluxo da memória e dos pensamentos, sem preocupação com encadeamento ou linearidade dos acontecimentos, tudo brota de maneira espontânea e é assim registrado, como a estabelecer uma conexão entre os pensamentos e a escrita.

A narrativa mescla coisas simples do cotidiano com reminiscências do passado de uma mulher aos 70 anos, em que se evidencia a ausência do pai e da amiga Vicky, bem como a relação de dominação por parte do primeiro namorado, a primeira experiência sexual que deixou marcas dolorosas, além de outro envolvimento rápido, porém verdadeiro, cujo amor brotou de forma espontânea e recíproca. Zilá Bernd argumenta que

Falar dos pais é um subterfúgio para falar de si próprio, apontando para um desejo de conhecer melhor a herança deixada pelos pais. Na verdade trata-se do autobiográfico descrito através de um outro ponto de vista. (BERND, 2014, p. 18).

Nesse registro de atividades diárias e memórias que emergem a partir da leitura dos cadernos, vislumbra-se uma escrita palimpsestica, a permitir que segredos sejam revelados ou continuem submersos, sejam esquecidos ou sufocados intencionalmente. A escrita palimpsestica está relacionada à palavra palimpsesto, surgido com a utilização do pergaminho como suporte para a escrita e

[...] significa um pergaminho em que se apagou ou raspou a primeira escritura para seu reaproveitamento para outro texto [...], ficavam assim os textos superpostos, que, mesmo com a raspagem, não fazia os caracteres anteriores desaparecerem por completo, ficando estes ainda nítidos ao olhar humano” (KEFFER, 2017, p. 228).

Trata-se de uma escrita em que o registro do pai é “profanado” pela filha e remete a uma ligação sanguínea e geracional, em que a cor da caneta revela ou encobre os segredos familiares. A filha apropria-se de informações, mas não encontra respostas para seus questionamentos, ao contrário, conscientiza-se da impossibilidade de encontrá-las, principalmente com relação à sua existência.

Penso que não deveria ter escolhido uma caneta azul se queria que o que eu escrevo prevalecesse. Mas depois me dou conta de que se minha tinta fosse preta como a do meu pai o que resultaria seria um borrão indecifrável. Assim minha letra se deixa ver sem se confundir com a dele. É uma solução aceitável (VIDAL, 2012, p. 97).

A cor azul e a cor preta confundem-se e deixam transpor pigmentos que remetem a uma ligação emocional intensa, revelando que os vestígios

apresentados nas duas formas de escrita (pai e filha) não oferecem uma linearidade dos acontecimentos, nem mesmo uma ordem em seus relatos, ao contrário, demonstram uma desordem, uma ausência de vontade em descrever em detalhes os momentos vivenciados. É uma escrita do pai que, ao externar revelações, encobre informações, e uma escrita da filha que, ao tentar entender o que está lendo, adota um fluxo narrativo que acompanha o pensamento e não tem pretensões de oferecer respostas ou mesmo uma coerência com o que está escrevendo; tal atitude expressa uma necessidade em registrar e encontra razão para sua vida e forças para continuar sua jornada de sobrevivente no mundo.

Ao escrever nos cadernos herdados, estabelece um diálogo que ficou ausente em sua relação com o pai, diálogo esse que ocorre após a morte, pois quando vivo, a sonoridade das palavras não permitia a comunicabilidade entre os dois; por outro lado, a tinta da caneta e os cadernos possibilitam que subjetividades sejam reveladas e estabeleçam momentos de interação entre pai e filha. “Agora penso que eram sentimentos que podiam servir para mim e para ele, culpados e desamparados os dois, mas é apenas uma suposição que deixo assim sem precisar me justificar para ninguém” (VIDAL, 2012, p. 118).

O romance também se revela instigador, pois a personagem principal e narradora não é nominada, sabe-se que é de origem argentina e migrou para o Brasil, após o desaparecimento da amiga, mas em nenhum momento do livro revela seu nome, assim como também não aparece o de seu pai. No decorrer da narrativa, observam-se indicações de nomes, como o de Vicky e do rapaz com quem teve um breve envolvimento no ônibus ao ingressar em terras brasileiras (Luis), assim como no caso do primeiro namorado, denominado somente R, pelos episódios de sofrimento e dor causados. “Será que consigo escrever o nome dele? Não, vou chamá-lo de R” (VIDAL, 2012, p. 67).

A ausência de nome dos principais personagens suscita reflexões em torno da necessidade de nomear e, com isso, possibilitar uma identificação. No romance, evidenciam-se sentimentos e relações humanas vivenciados por inúmeras pessoas, inseridas em um contexto ditatorial. Os sofrimentos, angústias, medos e abandonos da protagonista podem ser sentidos e vivenciados por inúmeras pessoas que conviveram em períodos ditatoriais na América Latina; são seres anônimos, comuns, que tiveram suas vidas ceifadas pelos acontecimentos históricos e cujas famílias, também anônimas, sentiram os efeitos desses atos praticados. A ausência de nome da protagonista, bem como do pai e da mãe, pode ser uma referência a esses acontecimentos violentos.

Havia em meu pai algo de clandestino. Ainda que ele tivesse um trabalho regular e saísse todas as manhãs para cumpri-lo. Ainda que sua vida paralela de tradutor não chegasse a torná-lo um excêntrico. Havia algo nos seus amigos e nas reuniões noturnas sob nuvens de fumaça; na forma como falavam da situação do país com prognósticos soturnos; e baixavam a voz como conspiradores, enquanto preparavam uma jogada de xadrez (VIDAL, 2012, p. 105).

O sentimento de abandono está presente desde o nascimento até o momento em que decide escrever nos cadernos do pai, é um abandono familiar (mãe e pai), e também da amiga; e nesse contexto que a escrita se desenvolve, cabendo à memória papel decisivo para que lembranças e esquecimentos se manifestem no momento da produção narrativa. A memória atua como geradora de sentido para o título, uma vez que o mar traduz dois momentos distintos na trajetória da

protagonista: lembrado como um local onde pai e filha, no período da infância, conviveram por alguns dias, com uma conotação de abandono, frieza e distanciamento: “E ele partia e me deixava olhando o mar revoltado e gelado, que recusava os banhistas. Eu pensava que não era certo uma beleza tão egoísta e sonhava com mares mais doces” (VIDAL, 2012, p. 106); se o mar frio e causador de distanciamento está relacionado com o pai, o mar azul está associado ao seu envolvimento com Luis, apesar da brevidade e urgência, com a calma, o amparo, a confiança e a identificação enquanto cidadão argentino migrando para outro país (Brasil); ambos em busca de uma nova oportunidade de vida, ou seja, Luis representa o mar que convida às suas águas, que acolhe e transforma em prazer as descobertas, mas a protagonista não adentrou nesse mar, não decifrou ou usufruiu do que ele poderia vir a oferecer, ou seja, a possibilidade de viver uma relação amorosa. “Sei que nem passou pela minha cabeça, mas por que não desci com ele naquela cidade com mar tão azul?” (VIDAL, 2012, 145).

4. CONCLUSÕES

Para Laurent Demanze (2008), a escrita contemporânea é trabalhada por meio de um retorno à narrativa em que o enredo é fragmentado, lacunar e repleto de falhas e o narrador busca um passado ausente de algum familiar, examinando uma memória da ancestralidade obliterada pela modernidade. As narrativas contemporâneas refletem a rapidez e fluidez do pensamento e das ações, onde tempo e espaço se intercalam e se alternam com uma velocidade estonteante, são reveladas fragmentações e multiplicidades dos narradores, manifesta numa profusão de vozes que irão revisitar o passado para apresentar cenários e personagens que estabelecem algum tipo de ligação de filiação ou de afiliação com aquele que narra.

Um passado fragmentado e múltiplo que se abre aos buracos para a elaboração de uma narrativa produzida com um retorno às origens, mesclando gêneros literários e tornando-se híbrida na sua forma, refletindo a constituição subjetiva e identitária dos indivíduos contemporâneos. Desse modo, a literatura estabelece uma relação de convivência com a memória e seu processo de construção, possibilitando que o passado seja revisitado à luz do presente e promova sua ressignificação, considerando-se a complexidade humana em todas as suas dimensões afetivas e incompletudes existenciais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BERND, Zilá. Romance memorial ou familiar e a memória cultural; a necessidade de transmitir em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. In: **Revista Organon**, Porto Alegre, I.L. UFRGS, jul-dez. 2014, n. 57, vol. 29. p.15-27.

DEMANZE, Laurent. **Encres Orphelines**: Pierre Bergounioux, Gérard Macé, Pierre Michon. Paris: José Corti, 2008.

KEFFER, William. Palimpsesto. In: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2.ed. Canoas (RS): Editora Unilasalle, 2017. p. 228-230.

VIDAL, Paloma. **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.